XVIII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação – Novo Hamburgo – 15 de outubro de 2021

TECNOLOGIA QUE TRANSFORMA

Clarissa Paz de Menezes[1]

Resumo: A inclusão tem sido amplamente discutida no âmbito do ensino básico. Está prevista por lei, assim como o acesso de toda a criança à escola conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente e da Constituição de 88. E é um assunto muito presente em discussões entre profissionais da área da educação. Embora haja diversas leis que protegem a proposta inclusiva, ainda é vigente um grande desconforto das escolas e das famílias diante do aluno com deficiência. As tecnologias podem ser grandes aliadas no processo de inclusão e aprendizagem de crianças e adolescentes com deficiência. Pensando nisso, o Atendimento Educacional Especializado, através da Sala de Recursos busca garantir oportunidades sócio-educacionais à essas crianças, promovendo o seu desenvolvimento e aprendizagem, ampliando dessa forma, suas experiências, conhecimento e participação social, proporcionando ao estudante um contato direto com as tecnologias e consequentemente construindo diferentes aprendizagens formais e informais.

Palavras-chave: Educação especial, inclusão, tecnologia

INTRODUÇÃO

Visando proporcionar a aprendizagem de crianças com deficiência e melhorar a interação com os colegas e professores da escola torna-se necessário utilizar ferramentas oferecidas pela escola, no caso os computadores Chromebook recebidos pela escola no ano de 2018 para possibilitar diferentes vivências a estes alunos e com isso proporcionar um espaço de construção da leitura, da escrita, do desenvolvimento da empatia, criatividade e curiosidade. Percebe-se uma ligação das crianças com os meios digitais e tecnológicos, devido a isso o computador, celular ou tablet precisam começar a ser visto como um recurso didático. Nesse sentido, Kenski comenta que

[1] Professora da Rede Municipal, clarissapazmenezes@edu.nh.rs.gov.br, lotada na EMEF Arnaldo Grin,

> É preciso considerar que as tecnologias – sejam elas novas (como o computador e a Internet) ou velhas (como o giz e a lousa) condicionam os princípios, a organização e as práticas educativas e impõem profundas mudanças na maneira de organizar os conteúdos a serem ensinados, as formas como serão trabalhadas e acessadas as fontes de informação, e os modos, individuais e coletivos, como irão ocorrer as aprendizagens (KENSKI, 2012, p. 76).

O PROCESSO DE INCLUSÃO E AS TICS

A relação das crianças com os meios eletrônicos é muito próxima e, devido a isso, podem e devem ser usados pela escola. Percebe-se, em sala de aula, que o quadro e caderno, às vezes, não atingem os alunos de maneira significativa, sendo pouco atrativos *como deveriam*, uma vez que se tornam desinteressantes frente a tantos estímulos tecnológicos para os quais os alunos são apresentados. Nestas turmas, mesmo os alunos com menor poder aquisitivo, têm acesso à internet, celular, tablet e videogame. Nesse sentido, percebe-se o uso dos computadores em sala de como uma necessidade, pois incentivam os alunos a buscarem conhecimentos ainda não atingidos, visto que estão em defasagem em relação aos colegas e têm noção disso, uma vez que, além das dificuldades de aprendizagem, as crianças apresentam outras dificuldades de ordem emocional que interferem no rendimento escolar.

É importante que os professores percebam que seus alunos necessitam de uma educação completa, o que envolve não apenas decodificar letras e números, mas também aprenderem a ser críticos, empáticos e questionadores. Moran afirma que:

> [...] a educação fundamental é feita pela vida, pela reelaboração mental/emocional das experiências pessoais, pela forma de viver, pelas atitudes básicas da vida e de nós mesmos'. Assim, o uso das TIC na escola auxilia na promoção social da cultura, das normas e tradições do grupo, ao mesmo tempo, é desenvolvido um processo pessoal que envolve estilo, aptidão e motivação. A exploração das imagens, sons e movimentos simultâneos ensejam aos alunos e professores oportunidades de interação e produção de saberes (2012, p.13).

A fala de Moran nos remete também a Perrenoud que fala sobre a importância do uso das tecnologias na sala de aula:

> Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

Para atingir os resultados acerca do problema identificado é importante, em um primeiro momento, fazer uma análise do nível de escrita em que os alunos se encontram; assim, será possível descobrir como *onde* iniciar o trabalho com estas crianças. Nesse particular, Weisz comenta que

> A criança começa diferenciando o sistema de representação escrita do sistema de representação do desenho. Tenta várias abordagens globais (hipótese pré-silábica), numa busca consistente da lógica do sistema, até descobrir - o que implica uma mudança violenta de critérios - que a escrita não representa o objeto a que se refere e sim o desenho sonoro do seu nome. Neste momento costuma aparecer uma hipótese conceitual que atribui a cada letra escrita uma sílaba oral. Esta hipótese (hipótese silábica) gera inúmeros conflitos cognitivos, tanto com as informações que recebe do mundo, como com as hipóteses de quantidade e variedade mínima de caracteres construída pela criança. (WEISZ, 1988, p. 73).

Juntamente com atividades voltadas para a alfabetização, realizadas a partir da flexibilização curricular, assim como a adaptação curricular inclusiva para os alunos, iniciam suas atividades utilizando os laptops Chromebook que foram adquiridos pela Secretaria Municipal de Educação, enviados para a escola no ano de 2018.

Chromebook é um laptop pessoal, que utiliza o sistema operacional do Google para pesquisar na Internet, usar aplicativos entre outros recursos. Todas as produções dos alunos ficam armazenadas na nuvem, uma tecnologia que permite armazenar e acessar arquivos, aplicativos e outros elementos digitais sem a necessidade de instalação de aplicativos. O Chromebook é distribuído para cada aluno em aulas planejadas.

Ao longo do ano letivo é importante oferecer aos alunos aplicativos, jogos e atividades digitais e analógicas, para oportunizar às discentes diferentes vivências que possibilitem a construção da escrita assim como a aquisição de importantes habilidades

necessárias para seu desenvolvimento cognitivo. Os pais serão convidados a participar auxiliando os alunos em casa, além de se criar estratégias para que eles sejam mais ativos na vida escolar dos filhos, acompanhando-os através de aplicativos de celular e computador, onde poderão acompanhar a evolução dos alunos

Quando falamos do desenvolvimento cognitivo do ser humano, logo se pensa nas relações do sujeito com o mundo que o cerca. As relações do ser humano com este mundo, sendo com pessoas ou objetos é repleta de trocas e estas serão indispensáveis nas construções de conhecimento realizadas pelo ser humano.

Todas as nossas relações com o outro, seja pessoa, objeto ou animal, são dotadas de afetividade. E é a partir destas que se dará o desenvolvimento cognitivo da criança, pois “a criança nunca tornar-se-á capaz de conservar a experiência sensorial sozinha” (KAMII e DEVRIES, 1992, p 10)

METODOLOGIA

Para a realização do trabalho com tecnologias com o objetivo de promover a alfabetização dos estudantes com deficiência da EMEF Arnaldo Grin, utiliza-se aquilo que a escola oferece: chromebooks, lousa interativa além de programas e aplicativos como Árvore de Livros, Google Sala de Aula e todas as possibilidades que a internet tem para oferecer.

Nos atendimentos da Sala de Recursos o tempo é dividido em dois momentos. O primeiro onde é realizado um trabalho focado nas tecnologias e outro analógico, onde se exploram aspectos que sejam necessários para os estudantes.

Durante este primeiro momento, o uso do chromebook é amplamente explorado conforme o interesse do estudante, que pode ser jogos educativos online, aprendendo a usar os programas do google para que possam acompanhar as aulas híbridas. Algo que é feito sempre é a exploração da Árvore de Livros por pelo menos 10 minutos, momento em que é potencializado o processo de leitura dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com alunos deficientes remete-nos a pensar sobre a importância de um trabalho de caráter inclusivo com os alunos surdos desde a educação infantil, considerando que a inclusão, sobretudo, por força da lei tem acontecido, especialmente, no contexto escolar. Além de refletirmos sobre a forma como a inclusão tem sido praticada nas escolas, temos que encarar o fato de que as crianças surdas estão sendo inseridas nas escolas. Sendo assim, é de extrema relevância trabalharmos com o acolhimento dessas crianças, a fim de evitar que se estabeleça no ambiente escolar uma lógica de exclusão. A fim de evitar que as crianças ouvintes não se aproximarem das crianças surdas, por conta, principalmente, do desconhecimento em relação às limitações e possibilidades de uma pessoa de interação com estas. Quadros, afirma que “a escola integracionista/inclusivista, nessa perspectiva, é entendida como espaço de consenso e de tolerância para com os diferentes” (p. 2006).

A escola funciona como um espaço que possibilita a construção da identidade do aluno, é na escola que o estudante com deficiência encontra seus pares, que o auxiliam na construção da sua aprendizagem, este outro com quem dialoga/troca e se reconhece nas suas diferenças, nesse sentido as tecnologias assumem um papel de mediação entre os interlocutores no processo de construção do conhecimento. É através destes interesses em comum que as crianças se descobrem, trocam, aprendem e por fim, elaboram sobre a escrita.

> Tornar possível uma proposta curricular, que contemple as diferenças dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, pressupõe um olhar atualizado nas discussões de currículo, que não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. (QUADROS, 2006. p.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÕES

Levando em consideração que a criança se alfabetiza através da interação no meio em que vive, é importante que o seu meio seja o mais natural possível e próximo da sua realidade para que ocorra essa construção linguística, sendo a escola, especial ou não, responsável por oferecer ao aluno um espaço que possibilite essas trocas, permitindo que a escola seja um ponto de referência a outros estudantes com deficiência da comunidade, para que estas crianças tenham um espaço compartilhado, possibilitando também, nos casos de escolas regulares, onde todas as crianças tenham a possibilidade de aprender, facilitando assim o processo de aprendizagem de ambos.

REFERÊNCIAS

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. Piaget para a educação pré-escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediações pedagógicas. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VIEIRA, Rosângela Souza. O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância: um estudo sobre a percepção do professor/tutor. **Revista Associação Brasileira de Educação a Distância**, São Paulo, v. 10, 2011, p. 65-70. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/issue/view/13/3>. Acesso em: 17 mar. 2019.

WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal resolvido. In: **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**. **COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS**. Ciclo Básico. São Paulo: SE/CENP, 1988.

QUADROS, R. M. *Estudios surdos I*. Petropolis, RJ: Editora Arara Azul, 2006ZAR, J.H. 1984. *Biostatistical analysis*. Second Edition. Prentice Hall, Englewood Cliffs, NJ. 1120p. In the text, references must be cited as: one autor (DIAS, 1998), two authors (DIAS & MACHADO, 1998), and three or more authors (DIAS et al., 1998).